

O FILHO PRÓDIGO

COLLEEN McCULLOUGH

O FILHO PRÓDIGO

UMA HISTÓRIA DE CARMINE DELMONICO

Tradução de
ANA LOURENÇO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2015

*Para Carolyn Reidy
a melhor revisora que já tive,
uma editora fiel e incansável
e uma amiga muito querida,
com amor e gratidão*

PRÓLOGO

Sexta-feira, 3 de janeiro de 1969
das
19h30 às 23h30

Com nuvens de respiração a rodearem-no, John Hall encostou um dedo não muito firme à campainha da porta e premiu. Ouviu os acordes de abertura da *Quinta Sinfonia* de Beethoven, um choque inesperado; o *kitsch* fora a última coisa que associara interiormente àquele pai e família desconhecidos. Então a porta abriu-se, uma empregada minúscula aceitou o seu casaco e luvas, e em seguida surgiu uma mulher jovem e bonita que afastou a empregada para o lado e o atacou com braços estendidos, os lábios exuberantes franzidos num beijo.

— Meu queridíssimo John! — exclamou, os lábios esmagados contra a face dele porque ele tinha virado a cabeça. — Sou a sua madrasta, Davina. — Agarrou-lhe no braço direito. — Venha conhecer-nos, por favor. Acha o Connecticut frio depois do Oregon? — inquiriu.

Ele não respondeu, demasiado atarantado com a receção, com a conversa quase febril da jovem (sua *madrasta*? Mas ela era vários anos mais nova do que ele!) e com o seu sotaque notoriamente estrangeiro. Davina... Sim, claro que o pai tinha falado dela ao telefone durante as suas várias conversas, mas ele não tinha previsto uma mulher-troféu e era o que ela parecia. Morena, vestida na última moda: um fato-macaco de *chiffon* em todos os tons de vermelho, cabelo muito escuro solto pelas costas, pele de marfim perfeita, lábios vermelhos cheios e a fazerem beicinho, olhos intensamente azuis.

— Foi ideia minha apresentá-lo à família na festa de aniversário do Max — dizia ela, sem pressa de começar a fazer as apresentações.

Havia algumas pessoas espalhadas pela sala feia e horrivelmente moderna. — Sessenta! — exclamou, continuando num inglês bem estruturado. — Não é maravilhoso? Pai de um filho recém-nascido e pai de um filho há muito perdido! Não suportava que você e o Max se encontrassem num ambiente menos comemorativo do que este, com toda a gente aperlaltada.

— Então o traje formal foi ideia sua? — perguntou ele num tom algo brusco.

O seu descontentamento não a chocou; ela riu-se, o seu cabelo a fazer lembrar cordas a balançar quando ela lançou a cabeça para trás com ar complacente.

— Claro, querido John. Adoro homens de *smoking* e assim nós, mulheres, temos uma desculpa para nos vestirmos bem.

Pelo menos a tagarelice dela, que continuou, permitiu-lhe observar os presentes, até chegar a algumas conclusões. Três homens altos, de constituição robusta, estavam juntos e eram obviamente aparentados. John tinha quase a certeza de que eram o seu pai, o seu tio e o seu primo direito: Max, Val e Ivan Tunbull. Os seus rostos eslavos largos tinham expressões que refletiam um ar de êxito inquestionável, os seus olhos amarelados bem abertos expressavam confiança e competência, e os seus cabelos claros, espessos e ondulados, indicavam que na família não havia calvície. A família Tunbull... a *sua* família, que ele não teria conhecido antes daquela noite caso se tivessem encontrado num outro jantar formal...

Havia um homem enérgico de ar profissional com cerca de quarenta anos junto deles, a sua mulher muito grávida com mais ou menos a sua idade sorria-lhe radiante: *não* uma mulher-troféu!

Onde estariam Jim e Millie Hunter? Haviam dito que estariam presentes! Com certeza ninguém poderia chegar mais tarde do que ele? Levava quase uma hora a reunir coragem para tocar à campainha, a andar de um lado para o outro na rua, a fumar cigarros, a encolher-se nas sombras quando o homem de ar profissional e a sua mulher grávida tinham atravessado a rua, mergulhados no que parecia uma bem-humorada conversa conjugal. Não, talvez não uma hora, mas meia hora com certeza.

Ouviu-se outra dose metálica de Beethoven; a criada pequena aproximou-se da porta da frente, e eles entraram, Millie e Jim Hunter. Oh, graças a todos os deuses! Agora, ele poderia conhecer o pai com uma confiança reforçada por saber que Jim Hunter estava ali a apoiá-lo. O quanto tinha sonhado com aquele reencontro!

Max Tunbull estava a avançar em direção a ele com as mãos estendidas.

— John — disse Max com voz rouca, pegando na mão direita de John com as suas, sorrindo e exibindo um muro de dentes brancos enormes, a seguir inclinando-se para abraçá-lo, beijá-lo na cara. — John. — Os olhos amarelos cheios de lágrimas. — Oh, meu Deus, és tão parecido com a Martita!

Quando a algazarra diminuiu, quando todas as apresentações cessaram por fim, quando John sentiu que poderia fazer algumas escolhas sem a madraستا as frustrar, procurou Jim e Millie, portos de abrigos num mar tempestuoso e desconhecido.

— Eu estava prestes a fugir quando vocês entraram — confessou ele, mais para Jim do que para Millie. — Não é estranho?

— Três mulheres, seis homens e traje de gala. Tens razão, é estranho — disse Jim, mas não sem parecer perplexo. — Mas é típico da Davina. Ela gosta de estar rodeada por homens.

— Porque é que isso não me surpreende? — John pousou o copo de martíni com uma careta.

— Não gosta? — perguntou uma voz ao seu lado.

Ele virou-se para olhar e encontrou a empregada anã.

— Prefiro uma *Budweiser* — disse ele.

— Vou buscar.

— Uma para mim também! — gritou Jim para as costas dela. — Já conseguiste falar com o teu pai?

— Não... Talvez à mesa durante o jantar. É como se a mulher dele não me quisesse dar qualquer oportunidade para isso.

— Bem, ela não pode continuar assim para sempre, especialmente agora que estás em Holloman — consolou-o Millie. — A Vina tem de ser o centro das atenções, pelo pouco que vi dela. O Jim conhece-a muito melhor.

— Obrigado por estarem em casa ontem à noite quando cheguei de Portland — disse John. — Estava deseioso de vos ver.

— Não posso acreditar que o Max te deixou ficar num hotel — disse Jim.

— Não, isso foi culpa minha. Achei que seria melhor ter um sítio para onde pudesse retirar-me se fosse preciso, e ainda bem que o fiz. Isto não é a Califórnia nem o Oregon.

— Eh, a Califórnia foi há muito tempo — disse Jim com voz rouca.

— Está no meu coração como se tivesse sido ontem.

— Isto é mais importante, John — disse Millie. — A família é muito importante.

— Com uma madrasta feia a controlar? Só faltam as meias-irmãs feias. Ou deviam ser meios-irmãos?

Millie soltou uma risada.

— Percebo a analogia no que toca à Davina, John, mas darias uma péssima Cinderela. De qualquer forma, houve uma inversão de papéis. Tu não és um escravo da cozinha pobre, és um magnata da silvicultura.

Quando Davina os levou para a mesa de jantar, larga e comprida, John descobriu que ele e Max estavam sentados lado a lado à cabeceira; Davina ocupava sozinha o lado oposto. Do lado esquerdo ela sentara, de Max até ela, Ivan Tunbull, Millie Hunter e o doutor Al Markoff. Do seu lado direito, de John até ela, Val Tunbull, Muse Markoff, a mulher grávida, e Jim Hunter.

E, finalmente, John teve a oportunidade de conversar com Max Tunbull, que se virou um pouco de lado e perguntou:

— Recordas-te da tua mãe, John?

— Às vezes acho que sim, outras vezes estou convencido de que aquilo de que julgo lembrar-me é uma ilusão — respondeu John, os seus olhos de repente mais cinzentos do que azuis. — Vejo uma mulher magra e triste que costumava passar o tempo a escrever à máquina. Segundo Wendover Hall, que me adotou, ela era muito pobre, ganhava a vida a passar manuscritos à máquina por um dólar a página,

sem erros. Foi assim que ele a conheceu. Alguém lha recomendou para ela passar à máquina um livro que ele tinha escrito sobre silvicultura. Não demorou muito a pôr-nos a ambos numa bela casa em Gold Beach, no Oregon. Ela morreu seis meses depois. Disso *lembro-me!* Devo ter estado presente quando ela morreu, e não quis abandonar o corpo. Mais ou menos como um cão, acho. Ela estava morta havia dois dias quando o Wendover nos encontrou.

Max pestanejou para afastar as lágrimas.

— Meu pobre rapaz!

— É a minha vez de fazer uma pergunta — disse John, a sua voz dura. — Como era a minha mãe?

Fechando os olhos, Max recostou-se um pouco na cadeira, como se falar da sua primeira mulher não fosse fácil — como se, de facto, se esforçasse por nunca pensar nela.

— A Martita era aquilo a que hoje chamaríamos uma pessoa depressiva, filho. Na década de 1930, os médicos diziam que ela era neurasténica. Calada e reservada, mas tão linda por dentro como era por fora. A minha família não gostava dela, em especial a Emily... a mulher do Val, para o caso de ainda não teres fixado os nomes. Só percebi o mal que a Emily fez à Martita depois de ela partir, levando-te consigo. Isso foi em junho de 1937, e tinhas apenas um ano de idade. Claro que tudo se soube depois, enquanto eu percorria o país em busca de ti e da tua mãe. A Em aproveitou-se das inseguranças da tua mãe sempre que conseguia ficar a sós com ela, de uma forma implacável e incrivelmente cruel! Convenceu-a de que ela não era amada ou querida. — Os lábios vermelho-acastanhados franziram-se numa linha. — A Emily foi punida, mas era demasiado tarde para a Martita.

— Ela não está aqui esta noite... foi expulsa da família? — perguntou John pouco à vontade.

Max soltou uma risada dura.

— Não! A maioria das famílias não funciona assim, John. A Em é ignorada por nós, até pelo Val. Nem o Ivan foi encorajado a tomar o partido dela em nada... e também não o fez.

— Então é por isso que a Emily não está aqui esta noite?

— Nem por isso — respondeu Max. — A Em seguiu o seu próprio caminho, o que é ótimo para nós.

— Ela não vai gostar que eu tenha aparecido. Deve achar que vou reduzir a quota do filho nos negócios da família.

Max olhou para o rosto daquele filho há muito perdido com o que parecia amor genuíno.

— Nesse campo, John, não posso agradecer-te o suficiente. Foi difícil para o Ivan perder metade da sua herança para o meu filho Alexis, portanto saber que não vais exigir a tua parte do dinheiro é maravilhoso.

— Tenho tanto dinheiro que nunca serei capaz de gastá-lo — disse John, observando o rosto do pai. — O Ivan pode ficar descansado. Espero que lhe tenha dito isso?

— Ainda não tive oportunidade, mas irei fazê-lo.

Alguém estava a bater com uma colher num copo de cristal: Davina.

— Família e amigos — começou ela, cada palavra cuidadosamente articulada —, estamos aqui reunidos esta noite para matar o vitelo gordo para o filho pródigo do meu querido marido, perdido para ele durante mais de trinta anos. No entanto, também matámos o vitelo gordo para homenagear o meu querido Max, que completou sessenta anos há três dias.

Ela fez uma pausa, o olhar a percorrer os rostos atentos.

— Sabemos por que motivo a Emily não está aqui, mas, querido John, a ausência da mulher do Ivan é igualmente habitual... A Lily diz que é demasiado tímida para enfrentar uma sala onde possa estar um desconhecido. Que tola!

Sobressaltado, o olhar de John pousou em Ivan, que olhava para a tia com um desagrado furioso, e John não pôde culpá-lo. Que coisa horrível de se dizer! Max devia estar mesmo sob o jugo daquela... não, não mulher-troféu. Davina era uma harpia, comia as pessoas com unhas e dentes, babando-se.

— A treze de outubro do ano passado — continuou a voz aguda — dei à luz o Alexis. Finalmente um filho do Max, um herdeiro para substituir o seu amado John. — Ela sorriu a Max esfusiante. — E então, há um mês, o John telefonou do Oregon. Tinha descoberto quem era a sua família e queria voltar ao redil.

Ela soltou um suspiro teatral.

— Naturalmente, o Max duvidou da identidade do John, mas à medida que os telefonemas continuavam e os documentos apareceram em vários escritórios de advogados, o Max começou a ter esperança. E depois de o anel chegar, quem podia continuar a duvidar? Não o meu amado Max! John, o filho pródigo, voltou dos mortos. Então agora reunimo-nos para celebrar o reencontro de Max e John Tunbull. Ergam os vossos copos e levantem-se!

Eu chamo-me John Hall, Davina, pensou John no fim daquele discurso hipócrita. Não John Tunbull! Agora tenho de ficar aqui enquanto essas pessoas brindam a nós. Filho pródigo, pelo amor de Deus! Nunca acerta na história, esta harpia da Europa Oriental.

Com vergonha de olhar para qualquer um daqueles rostos, os seus olhos voltaram-se para a minúscula mulher que parecia ser algum tipo de criada superior, movendo-se entre os empregados contratados com um discreto ar de comando. Envergando um vestido cinzento informe, com um corpo informe por baixo, era difícil deduzir o seu estatuto naquele jardim zoológico. O seu rosto era plano e sugeria alguém com cretinismo, tal como o crânio achatado atrás, mas os olhos negros como amoras eram inteligentes, e as mãos pequenas de curtos dedos eram hábeis ao limparem o rebordo de um dos pratos e rejeitarem outro como impróprio para ser servido. Ele ouvira várias pessoas chamar-lhe Uda; pelo pouco que tinha visto até àquele momento, John decidiu que ela era criada pessoal de Davina sem nenhuma lealdade pelos Tunbull. Mas quem *era* Davina Tunbull?

A refeição foi fantástica. Caviar iraniano com acompanhamento foi seguido pelo mais parecido com um vitelo gordo a que Davina conseguira chegar, como ela explicou: vitela de leite assada, a carne magra, cor de rosa e succulenta, com legumes cozidos no ponto, e um extraordinário bolo para a sobremesa. John comeu bem, não foi capaz de resistir à deliciosa ementa.

Quando se levantaram da mesa, Davina veio com outra surpresa ao bater no copo de cristal.

— Cavalheiros, sigam para o escritório do Max para o café, digestivos e charutos! — exclamou. — Senhoras, para a sala de estar!

E, por fim, numa espécie de vestíbulo entre a sala de jantar e o escritório de Max, John conseguiu deter Jim Hunter.

— Acreditas nisto? — perguntou ele, movendo-se para um dos lados do fluxo de tráfego, seis homens a fugirem daquela mulher horrível.

Jim revirou os olhos, mostrando uma extensão quase assustadora de branco num rosto tão negro.

— É típico da Davina — disse ele. — Conheço bem os Tunbull depois deste último ano a preparar a edição de *Um Deus Helicoidal*. Mas teremos tempo de sobra para eu te contar tudo agora que estás em Holloman.

— Foi fantástico lembrar o passado ontem à noite em tua casa — disse John. Os seus olhos, de novo azuis, pousaram com carinho no rosto de Jim. — Estás ótimo, Jim. Ninguém iria reconhecer em ti o velho Gorila Hunter.

— E tenho de te agradecer por isso. Posso finalmente pagar-te a minha operação, velho amigo.

— Nem tentes! — John franziu a testa. — A Millie ainda está muito magra.

— É da sua natureza, ela é ectomorfa. — Os grandes e luminosos olhos verdes, tão estranhos na escuridão de Jim Hunter, encheram-se de lágrimas. — Meu Deus, como é bom ver-te! Passaram mais de seis anos!

John abraçou-o com força, um abraço forte e viril que Jim retribuiu; depois, ao soltá-lo, viu o doutor Al Markoff a olhar para o relógio.

— Mais uma hora e posso agarrar na minha mulher e pirar-me. A Davina está difícil de aturar esta noite — disse Markoff, liderando o caminho. — Filhos perdidos há muito a rastejarem para fora da floresta não fazem o género dela, sem ofensa, John, mas a silvicultura torna-a uma excelente metáfora. — Ele olhou de novo para o relógio. — Não está mal, não está mal. São apenas dez e meia da noite. A Muse e eu estaremos a serrar *madeira* daqui a menos de uma hora, ah ah ah. Os adeptos dos jogos de palavras não conseguem conter-se, John!

Para surpresa de John (embora o seu ego não estivesse ferido), Max colocou Jim Hunter no que era claramente o lugar de honra no seu escritório: uma poltrona de orelhas de couro vermelho. Toda a sala era de couro vermelho, encadernações douradas, móveis de nogueira e janelas com vidros de chumbo. Artificial. Davina, seria ele capaz de apostar.

Puxou uma cadeira para diante da poltrona de Jim, mas ligeiramente para um lado, sem se sentir curioso sobre a importância dada a Jim: tudo iria saber-se a seu tempo, e ele tinha imenso tempo. Max conferenciava com Val e Ivan, cada um exibindo um grande charuto e um copo de conhaque; os Tunbull não poupavam nas coisas boas da vida, pensou ele, e adoravam conferenciar. O doutor Al puxou outra cadeira para junto de Jim, e o escritório dividiu-se em duas conversas separadas.

— O senhor é o médico de família Tunbull, Al? — perguntou John.

— Credo, não! Sou patologista especializado em hematologia — respondeu Markoff afavelmente —, o que não significa mais para si do que um abeto para mim. Mas acho fascinante o ARN de Jim.

— É o vosso primeiro filho? — insistiu ele.

Markoff riu-se.

— Quem me dera! Isto, meu amigo solteiro, é o acidente dos quarenta anos. Temos dois rapazes adolescentes, mas a Muse é demasiado estouvada para produzir gênios, por isso eles são muito banais.

— Acho que o senhor deve ser um pai muito agradável — disse John, gostando do humor descontraído do homem enquanto ele desenvolvia o tema da gravidez acidental aos quarenta anos; ao ouvi-lo, John quase se esqueceu do que suspeitava estar a acontecer entre Max, Val e Ivan: a não diminuição da parte de Ivan no negócio da família e nas propriedades.

Sentiu-se de repente muito cansado. A refeição fora longa e o seu copo de vinho enchido demasiadas vezes, algo de que não gostava. Fora precisa coragem para estar presente naquele jantar, pois havia muito da mãe em John Hall, que evitava confrontos. Depois de Jim e o doutor Al começarem a falar dos ácidos nucleicos, John conseguiu olhar furtivamente para o relógio: 23h00. Estavam no escritório havia meia hora, o que significava, segundo o doutor Al, mais meia hora antes de haver qualquer hipótese de fuga. Max estava a olhar para

ele com amor e preocupação, mas como poderia ele aproximar-se de um pai amarrado a uma harpia como Davina? Ela estaria a torcer pelo bebê Alexis, e porque não?

O suor fazia-lhe arder os olhos; engraçado, não se tinha apercebido até agora de como o aposento estava quente. Em vez disso, tateou desajeitadamente o bolso das calças à procura do lenço; encontrou-o, mas não conseguia tirá-lo.

— Que calor — murmurou, passando o dedo pelo interior do colarinho. O lenço soltou-se por fim; ele pressionou-o contra a testa.

— Alguém mais tem calor? — perguntou.

— Um pouco — disse Jim, tirando o copo de conhaque da mão de John. — A noite está no fim, porque não tiras a gravata? Ninguém se vai importar, tenho a certeza.

— Claro, tira-a, John — disse Max, dirigindo-se ao termóstato; a resposta de ar mais frio foi imediata.

Ele sentia os lábios dormentes; lambeu-os.

— Dormente — disse.

Jim tirara a gravata e abrira o colarinho.

— Melhor?

— Nem... por isso — disse ele a custo.

Não conseguia encher os pulmões de ar e arquejou. O ar frio doce inundou-o; ele arquejou de novo, mas desta vez foi mais difícil inspirar. Oscilou na cadeira.

— Ponham-no no chão, rapazes — ouviu ele o doutor Al dizer, então sentiu-se ser colocado em decúbito dorsal, um casaco enrolado sob a cabeça. Markoff estava a abrir os botões da sua camisa e a gritar a alguém: — Chamem uma ambulância... reanimação de emergência. Max, peça à Muse para lhe dar a minha mala.

Enjoado, ele teve ânsias de vômito, tentou vomitar, mas nada saiu, e naquele momento sentia-se apenas mal, não tinha forças para vomitar. Os seus dentes batiam, ele ficou horrorizado ao ver todo o seu corpo invadido por um tremor. Então seguiu-se uma convulsão poderosa, como se estivesse a acontecer a outra pessoa — porque estava ele tão consciente de tudo o que se passava? Não de uma

forma desencarnada, isso teria sido capaz de suportar, pairar a olhar para si mesmo no chão. Mas estar dentro de si próprio a passar por aquilo era *horrível!*

Tudo se tornou insignificante em comparação com a sua luta para respirar, uma impossibilidade cada vez maior que o lançou para um terror que ele não tinha forma de mostrar além da expressão dos seus olhos. Estou a morrer, mas não consigo dizer-lhes! Eles não sabem, vão deixar-me morrer! Preciso de ar, preciso de ar! Ar! Ar!

— A pulsação está fraca em vez de irregular, isto não é um acidente cardíaco primário — dizia o doutor Al —, mas as suas vias aéreas ainda funcionam. Não devia ter este tipo de equipamento comigo, só que o pedi emprestado para um curso de atualização em medicina de emergência. Tenho de me manter atualizado... Vou entubá-lo e dar-lhe oxigénio.

Ele trabalhava enquanto falava, uma daquelas raras pessoas que gostam de fazer as duas coisas em simultâneo. Com o primeiro sopro de oxigénio nos pulmões, John soube através da sua perturbação que não podia ter tido um homem melhor a tratá-lo caso tivesse ido para as urgências. Durante talvez seis ou sete respirações deliciosas, achou que tinha vencido o que quer que fosse, mas, em seguida, nem o saco do ar nem a forte pressão que dele saía conseguiram fazer inflar as suas vias respiratórias, mesmo passivamente.

Dentro da sua cabeça ele gritava, gritava, gritava num pânico cego total. Nenhum pensamento da vida que levava ou de qualquer vida futura se intrometeu nesse milésimo de segundo; nem céu, nem inferno, apenas a presença terrível da morte iminente, e ele tão vivo, desperto, forçado a suportar tudo até ao fim amargo... Nos seus olhos um terror eletrificado, na sua mente um grito.

John Hall morreu onze minutos depois de começar a sentir-se quente. O doutor Al Markoff estava ajoelhado ao lado dele a lutar para o manter vivo. O doutor Jim Hunter ajoelhara-se do outro lado e segurava-lhe a mão para o reconfortar. Mas a vida terminara e não havia nenhum consolo.

PRIMEIRA PARTE

De
quinta-feira, 2 de janeiro de 1969
a
quarta-feira, 8 de janeiro de 1969

QUINTA-FEIRA, 2 DE JANEIRO DE 1969

— Pai, qual é o procedimento quando me desaparece uma toxina?
Os olhos azuis alarmados de Patrick O'Donnell pousaram no rosto da filha, esperando vê-lo sorridente por ter conseguido pregar uma partida ao pai. Mas estava de sobrolho franzido, preocupado. Ele estendeu-lhe uma caneca de café.

— Depende, querida — respondeu calmamente. — Que toxina?

— Uma bastante desagradável... a tetrodotoxina.

O médico-legista do condado de Holloman fitou-a com o rosto inexpressivo.

— Vais ter de ser mais específica, Millie. Nunca ouvi falar disso.

— É uma neurotoxina que bloqueia as transmissões nervosas ao atuar sobre os poros dos canais de sódio epiteliais polarizados das membranas celulares ou, em termos mais simples, que desliga o sistema nervoso. *Muito* desagradável! É isso o que a torna tão interessante experimentalmente, embora não esteja interessada nela por si só. Uso-a como ferramenta. — Os seus olhos azuis, tão parecidos com os dele, fitaram-no suplicantes.

— Onde a arranjaste, Millie?

— Isolei-a da fonte, o peixe-balão. Que criaturinha tão engraçada! Parece um cachorrinho que gostaríamos de abraçar até à morte. Mas não de o comer, especialmente o seu fígado. — Ela estava a animar-se, bebendo agora o café com prazer. — Como consegues fazer bom café neste edifício horroroso? O café do Carmine é uma porcaria.

— Eu pago-o e limito bastante o número de pessoas convidadas a bebê-lo. *Okay*, já estimulaste a minha memória. Ouvi falar da tetrodotoxina, mas apenas em trabalhos universitários, e de passagem. Então conseguiste mesmo isolá-la?

— Sim. — Ela calou-se novamente.

— Como diria o Carmine: desenvolve.

— Bem, eu tinha um tanque de peixes-balão, e parecia uma pena desperdiçar todos aqueles fígados e outros bons bocados, portanto continuei e acabei com cerca de um grama da coisa. Se tomada por via oral, é suficiente para matar dez pesos pesados. Quando terminei a fase experimental fechei os seiscentos miligramas que sobraram em ampolas de vidro, cem miligramas cada uma, coleí um adesivo de veneno no recipiente onde meti as seis ampolas e guardei-o na parte de trás do meu frigorífico com os KC1 de três moles e outras coisas — explicou Millie.

— Não trancaste o frigorífico?

— Porquê? É meu, e é o meu pequeno laboratório. A minha bolsa não dá para pagar a um técnico; não sou o Jim, rodeado de acólitos. — Ela estendeu a caneca para mais café. — Tranco a porta do meu *laboratório* quando não estou lá. Sou tão paranoica como qualquer outro investigador, não publicito o meu trabalho. *E* já fiz o doutoramento, por isso não tenho nenhum orientador de tese a olhar por cima do meu ombro. Teria julgado que ninguém sequer sabia que eu tinha a tetrodotoxina. — A expressão dela suavizou-se. — Com exceção do Jim, claro. Falei do assunto de passagem com ele, mas ele não está interessado em neurotoxinas. Do que gosta mesmo é de *E. coli*.

— Fazes alguma ideia de quando ela desapareceu, querida?

— Durante a última semana. Fiz um inventário do meu frigorífico na véspera de Natal, e o recipiente de vidro estava lá. Quando fiz outro inventário esta manhã, não havia nenhum recipiente, e acredita em mim, pai, procurei de cima a baixo. A questão é que não sei o que fazer em relação ao desaparecimento. Não parece ser algo com que o reitor Werther esteja habilitado a lidar. Pensei em ti.

— Comunicares-me isso é bom, Millie. Vou avisar o Carmine, mas apenas por uma questão de cortesia. Isso não pode ser equiparado

a alguém a roubar um frasco de cianeto de potássio... o que interessaria a toda a gente. — Patrick esboçou um sorriso triste. — No entanto, minha menina, está na hora de fechar a porta do estábulo. Põe um cadeado no frigorífico e certifica-te de que tens a única chave.

Ele inclinou-se para pegar na mão dela, comprida e elegante, mas marcada por unhas roídas e uma falta geral de cuidado.

— Querida, onde falhaste foi em guardar o que não utilizaste. Devias ter-te livrado disso como substância tóxica.

Ela corou.

— Não, não concordo — disse ela com teimosia. — O processo de extração é difícil, meticuloso e extremamente lento... um bioquímico menor teria estragado tudo. Não sou o Jim, mas as minhas técnicas estão muito acima do nível das do investigador médio. Algures no futuro posso precisar da tetrodotoxina que sobrou e, se não precisar, posso vendê-la legitimamente para recuperar o meu investimento nos peixes-balão. A comissão que me atribui a bolsa iria adorar isso. Armazenei-a em vácuo em ampolas de vidro seladas, a seguir abrandei as suas moléculas ao refrigerá-la. Quero-a potente e pronta para ser usada a qualquer momento.

Ela levantou-se, revelando que era alta, magra e suficientemente atraente para fazer girar a cabeça da maioria dos homens.

— É tudo? — perguntou.

— Sim. Eu falo com o Carmine, mas se fosse a ti não ia ter com o reitor Werther. Isso iria dar origem a rumores. Tens a certeza da quantidade em cada ampola? Cem miligramas de... líquido? Pó?

— Pó. É partir a extremidade da ampola e adicionar um miligrama de água destilada. Entra em solução muito facilmente. Ingerida, um peso pesado. A injeção é uma questão muito diferente. *Metade de um miligrama é fatal*, mesmo para um peso pesado. Se injetada numa veia, a morte seria suficientemente rápida para lhe chamarmos quase instantânea. Se injetada no músculo, morte cerca de dez a quinze minutos depois do início dos sintomas. — Tal era o seu alívio por partilhar o fardo que parecia muito alegre.

— Merda! Sabes quais são os sintomas, Millie?

— Como acontece com qualquer substância que desliga o sistema nervoso, pai. Se injetada, insuficiência respiratória devido à paralisia da parede torácica e do diafragma. Em caso de ingestão, náuseas,

vómitos, purgação e insuficiência respiratória. A duração dos sintomas iria depender da dosagem e da rapidez com que surgir a insuficiência respiratória. Oh, esqueci-me. Em caso de ingestão, também haveria convulsões terríveis. — Ela tinha chegado à porta, morrendo de vontade de sair dali. — Vejo-te no sábado à noite?

— Eu e a mãe não perderíamos isso por nada, miúda. Como está o Jim?

— Bem! — chegou-lhe a voz dela. — E obrigada, pai!

A neve e o gelo tornavam Holloman relativamente calma; Patrick avançou pelo labirinto do edifício dos Serviços Municipais certo de que iria encontrar Carmine no seu gabinete — não estava tempo para andar na rua, até os ativistas negros sabiam isso.

Seis filhas, refletiu ele enquanto se arrastava, não queria dizer menos dores de cabeça do que filhos, apesar de Patrick Júnior estar a fazer os possíveis por provar que os rapazes *eram* piores. Nada no mundo poderia forçá-lo a tomar um duche; dali a dois anos estaria mirrado de tanto duche, mas isso refulgia num horizonte distante.

Millie sempre fora a sua maior dor de cabeça feminina, pensara ele, porque era também a sua filha mais inteligente. Como todas, fora enviada para a St. Mary's Girls' School, cujo equivalente masculino era a St. Bernard's Boys. Incluindo, mais de dezoito anos antes — em setembro de 1950, há tanto tempo —, um aluno especial em regime de internato da Carolina do Sul, um rapaz cuja inteligência raiava o génio. Seguindo o conselho do padre, um ex-aluno da St. Bernard's, os pais tinham-no enviado para Holloman para fazer o liceu. Por uma boa razão. Eram afro-americanos num estado do Sul que queriam uma educação nortista para o seu único filho. O seu catolicismo era raro, e o padre Gaspari premiou-os. Assim, Jim Hunter, com quase quinze anos, fora viver com os irmãos na St. Bernard's: James Keith Hunter, um génio.

Ele e Millie conheceram-se num baile da escola que coincidira com o décimo quinto aniversário dela; Jim era alguns dias mais velho. A primeira coisa que Patrick e Nessie tinham sabido dele viera de Millie, que perguntara se podia convidar o aluno de St. Bernard's

para uma refeição caseira. A escuridão dele atordoou-os, mas ficaram extremamente orgulhosos do liberalismo da filha, tomando o seu interesse no rapaz como uma prova de que Millie ia crescer e fazer a diferença na forma como a América considerava raça e credo.

Fora um jantar extraordinário, com o convidado a falar quase exclusivamente com Patrick sobre o seu trabalho — não o lado horrível, mas a ciência subjacente, e com mais conhecimento dessa ciência do que a maioria das pessoas que trabalhava na área. Na altura Patrick ainda estava a tatear o seu caminho na patologia forense e admitiu abertamente que conversar com Jim Hunter fora um empurrão definitivo no bom caminho.

Um jantar chocante, também. Tanto Patrick como Nessie perceberam de imediato: a expressão nos olhos de Millie quando os pousava sobre Jim, que foi quase o tempo todo. Não de amor crescente, mas sim de adoração cega. Não, não, não, *não!* Aquilo não podia acontecer! Não por causa de um preconceito racial inexistente, mas por causa do puro terror em relação ao que tal relacionamento faria à sua amada filha, a mais brilhante do grupo. Não podia acontecer, não *devia* acontecer! Embora cada olhar que Millie lançava a Jim dissesse que já havia acontecido.

Uma semana depois Jim e Millie eram o tema de conversa em East Holloman; Patrick e Nessie foram assediados com protestos e conselhos de inúmeros familiares. Millie e Jim namoravam! Um namoro escaldante! Mas como podia ser isso, se cada um andava numa escola diferente e os professores desaprovavam tanto como todos os outros? *Não* por preconceito racial! Por medo de vidas jovens potencialmente arruinadas. Para seu próprio bem, tinham de ser afastados.

As propinas eram um fardo, mas tiveram de ser arrançadas; Millie foi retirada de St. Mary's e enviada para a Dormer Day School, onde quase todos os alunos eram filhos de professores da Chubb ou de residentes ricos de Holloman. Não era o tipo de lugar com que pais de cinco filhos e um sexto a caminho sequer sonhavam. Mas por amor a Millie, tinham de ser feitos sacrifícios.

O instinto de Patrick disse-lhe que não iria resultar, e o instinto estava certo. Por muitos obstáculos que fossem atirados para o seu caminho, Millie O'Donnell e Jim Hunter continuaram a namorar.

Até olhar para trás naquele momento, enquanto atravessava o edifício dos Serviços Municipais, era o suficiente para trazer de volta a dor indescritível daqueles anos terríveis. A infelicidade! A culpa! O conhecimento de um crime social consciente cometido! Como podiam qualquer pai e mãe dormir, sabendo que a sua ética e princípios colidiam com o seu amor por uma criança? Pelo que Patrick e Nessie previam que fosse o sofrimento infligido a Millie pela sua escolha de namorado. Pior, porque ela poderia vir um dia a ser rainha do baile, a rapariga mais bonita da turma. A Dormer Day School fervia de ressentimento tanto como a St. Bernard's e a St. Mary's — Millie O'Donnell era a prova viva de que o tamanho do pénis de um negro e as suas proezas sexuais poderiam seduzir até mesmo a nata da sociedade. As raparigas detestavam-na. Os rapazes detestavam-na. Os professores detestavam-na. Ela tinha um namorado negro com um pénis de quarenta centímetros, quem podia competir com isso?

O problema era que os professores não podiam alegar que o namoro causara uma descida nas notas ou falta de interesse no desporto; Jim e Millie eram alunos de nota máxima; Jim era pugilista e campeão de luta livre, e Millie uma estrela na pista de atletismo. Formaram-se na dianteira das suas respetivas turmas, com carta-branca na escolha de uma faculdade. Harvard, Chubb, ou qualquer uma das muitas grandes universidades.

Foram juntos para a Columbia, matricularam-se em Ciências com uma especialização em Bioquímica. Talvez esperassem que a população estudantil extremamente diversificada de Nova Iorque lhes concedesse um pouco de paz no seu perpétuo tormento. Se assim foi, as suas esperanças foram frustradas de imediato. Suportaram mais quatro anos de perseguição, mas mostraram ao mundo que não podiam ser derrotados, formando-se com distinção. Patrick e Nessie tinham tentado manter-se em contacto, indo vê-los quando eles não iam a casa, mas foram sempre repelidos. Era como se, pensara Patrick na altura, estivessem a desenvolver uma carapaça suficientemente espessa e forte para os tornar invulneráveis, e isso incluía afastar os pais. Ele e Nessie tinham ido à festa da formatura, mas os pais de Jim não. Aparentemente, haviam desistido da luta, tão extenuante do seu lado para afastar o filho da namorada branca... e quem poderia culpá-los? É preciso maturidade para conhecer a dor...